

Quatro na disputa por ministério

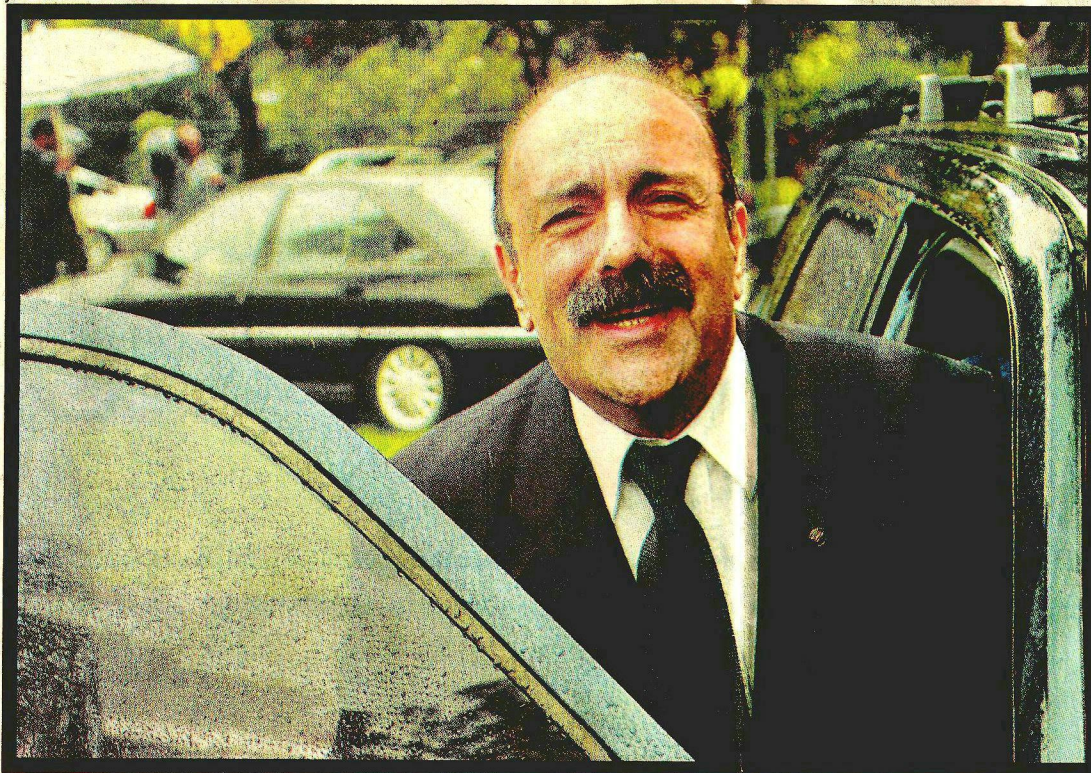
PALOMA OLIVETO

DA EQUIPE DO CORREIO

Um dia depois de o presidente Luiz Inácio Lula da Silva devolver à Secretaria Especial de Direitos Humanos (Sedh) o status de ministério, quatro nomes despontam como os mais cotados para ocupar o cargo deixado por Nilmário Miranda há cinco meses, quando a pasta foi vinculada à Presidência da República. O jornalista e cientista político Paulo Vannucchi, coordenador-executivo da organização não-governamental (ONG) Instituto Cidadania, ligada ao presidente Lula, o deputado Luiz Eduardo Greenhalgh (PT-SP), a senadora Patrícia Saboya Gomes (PSB-CE) e a diplomata Maria Luiza Viotti são os candidatos mais prováveis.

Nenhum deles confirma a sondagem do governo, que deverá nomear o novo ministro em 10 dias. Ontem, o *Diário Oficial da União* publicou a portaria anunciando que o atual subsecretário, Mário Mamede, ficará interinamente no cargo. O nome de Greenhalgh, advogado e militante histórico dos direitos humanos, é o mais citado na preferência de integrantes de movimentos sociais. "Ele é extremamente reconhecido na área e com certeza terá um bom vínculo com a sociedade civil. Sua trajetória de atuação, principalmente no sistema carcerário, faz com que tenha força. Sua indicação nos honraria muito", defende o advogado Ariel Castro, conselheiro do Movimento Nacional de Direitos Humanos e membro da Comissão da Crian-

José Varela/CB/11.2.05



CANDIDATO DERROTADO À PRESIDÊNCIA DA CÂMARA, LUIZ EDUARDO GREENHALGH (PT-SP) É UM DOS FAVORITOS DE LULA

ça e do Adolescente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB). O deputado petista conta ainda com a simpatia de alguns assessores diretos de Lula.

A experiência de Greenhalgh no combate à violência contra os encarcerados é destacada pela presidente da Associação de Mães e Amigos da Criança e do Adolescente em Risco, Conceição Paganele. "Ele sempre está em contato com os movimentos e, quando não pode ir pessoalmente às audiências, manda uma representante. Por estar mais próximo dessa problemáti-

ca, com certeza seria o nome mais promissor", acredita.

Aposta

Já a coordenadora-geral do Movimento Nacional de Direitos Humanos, Roseane Queiroz, aposta em Paulo Vannucchi, amigo pessoal do presidente Lula e um dos colaboradores do programa de governo do PT. Ela diz, porém, estar mais preocupada com as prioridades da secretaria do que com o nome de quem vai ocupar o cargo de ministro. "Seja quem for, vai ter de conviver com as limitações orça-

mentárias da Sedh e com os erros cometidos pelos dois gestores anteriores", afirma Queiroz.

Para a ativista, o novo ministro terá de reciclar o Programa Nacional de Direitos Humanos, lançado há 10 anos, e priorizar áreas que, na avaliação da ONG, estão abandonadas: "São programas concretos, como a ampliação de indenizações às famílias de desaparecidos e presos políticos, investimentos na área da criança e do adolescente, programa de portadores de necessidades especiais e proteção às testemunhas ameaçadas de morte", enumera.

A vice-coordenadora da ONG Tortura Nunca Mais, do Rio de Janeiro, concorda com Roseane Queiroz. "Falta força política para haver mudanças", acredita Cecília Coimbra. "A grande questão que nos preocupa é que a política de direitos humanos no Brasil é pífia", critica. Segundo Coimbra, a trajetória da secretaria é marcada pela falta de diálogo e participação dos movimentos sociais. "Em nenhum momento fomos chamados para discutir sobre a abertura dos documentos da ditadura militar", exemplifica. O secretário Mário Mamede rebate a crítica, afirmando que essa questão está nas mãos da Casa Civil, e não da Sedh (leia a entrevista abaixo).

Cecília Coimbra diz que a atuação da secretaria decepcionou muito os integrantes da ONG. "Fico muito triste em ver esse tipo de coisa acontecendo. Essas pessoas estão negando toda a trajetória histórica na militância dos direitos humanos", afirma, lamentando a atuação de Nilmário Miranda e Mário Mamede. "O que esperamos do novo ministro é que lembre um pouquinho de sua trajetória quando assumir o cargo", recomenda.

O presidente do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda), órgão colegiado à Sedh, deseja que o novo ministro dê mais atenção à infância. "Qualquer um que seja escolhido tem de assumir como bandeira o incremento do orçamento voltado às crianças e aos adolescentes. É preciso que esse tema seja cada vez mais valorizado", aponta Fernando Silva.